



Covid-19: a práxis pedagógica-emancipatória do jornalismo feito sobre, para e a partir das periferias

Juliana Freire Bezerra¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este estudo tem como objetivo mapear de forma exploratória as estratégias de comunicação criadas pelo jornalismo feito sobre, para e a partir dos territórios periféricos no contexto de pandemia da Covid-19, desnudando a sua dimensão pedagógica. Para tanto, foram analisados dois jornais cariocas, o Voz das Comunidades e o Favela em Pauta, bem como dois paulistas, a Agência Mural de Jornalismo das Periferias e o Periferia em Movimento. Do estudo evidenciou-se como o forte sentimento de pertencimento e comprometimento com o público (com quem os jornalistas destes veículos compartilham de um mesmo universo cultural de morada e vivência) impulsiona a realização de uma práxis profissional emancipatória não só denunciativa das violações de direitos que acometem estes contextos, mas também propositiva e inventiva de enfrentamento à crise atual.

Palavras-chave: Jornalismo; Periferia; Pedagogia; Cidadania; Emancipação.

1 A dimensão pedagógica do jornalismo

Dos incontáveis fatos que ocorrem cotidianamente, o jornalismo identifica e torna notícia aqueles que preponderantemente merecem o *status* de acontecimento². Ou seja, os que possuem alto poder de afetação pública e rompem com a normalidade em

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, bolsista Capes, e jornalista responsável pelo projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) do Departamento de Jornalismo da mesma Instituição. É pesquisadora do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS) e do grupo de pesquisa Jornalismo e Conhecimento.

² Este estudo parte do entendimento de que os critérios de noticiabilidade do jornalismo não se limitam às características do fato em si (valores-notícia) e à cultura organizacional do veículo jornalístico. Ultrapassam o ecossistema profissional, ao serem afetados pelos valores do universo social em que estão inseridos (SILVA; FRANÇA, 2017).

vigor, causando desorientação social (FRANÇA, 2012). Isso explica em grande medida por que atualmente a pandemia do novo coronavírus configura-se como cerne dos noticiários em todo o mundo. Chamada também de Covid-19, a doença carrega na concretude do seu surgimento e propagação todos os valores intrínsecos de um grande acontecimento. Amedronta o planeta com os avanços de contágio e morte em massa da humanidade, gerando mudanças nas rotinas de dinâmica social, além de elevado grau de incerteza sobre o futuro.

É na esteira de crises globais como esta, raras na história contemporânea, que o jornalismo potencializa a sua dimensão pedagógica. Se por esta perspectiva “o que os jornalistas fazem diariamente é “organizar o mundo”, procurando torná-lo mais compreensível” (VIZEU, 2009, p. 77), no contexto atual desempenham um papel social ainda mais importante, mesmo que feito com limitações. Em última instância o jornalismo busca abastecer os cidadãos de conhecimentos apurados e sistematizados sobre causas, consequências e formas de prevenção relacionadas à doença, para que possam proteger suas vidas. Socializando informações confiáveis obtidas junto a especialistas e autoridades de saúde tem conseguido em alguma medida conscientizar grupos significativos da população sobre a necessidade de isolamento social e cuidados redobrados com a higiene para que ocorra o achatamento da curva de casos confirmados da Covid-19³.

No Brasil, contudo, grupos sociais que residem em contextos marcados pela pobreza encontram dificuldades para praticarem medidas básicas de prevenção à vida. Condições de moradias precárias, dificuldade de acesso à água, situação financeira insuficiente para o sustento familiar são apenas algumas delas (FIOCRUZ, 2020; TEIXEIRA et al, 2020). Diante disso, os jornalistas que cobrem estas realidades enfrentam desafios em relação ao seu papel pedagógico: Como orientar esta parcela da população brasileira a redobrar os cuidados com a higiene se a água encanada é recurso escasso na sua residência? Como recomendar que fique em casa, quando muitos moradores trabalham como autônomos e não possuem reservas financeiras para garantir a segurança alimentar diária? Como indicar que pessoas acometidas pela doença devem ser isoladas em um

³ Essas medidas são recomendadas pela Organização Mundial de Saúde e médicos infectologistas em todo o mundo para evitar que o contágio da doença aumente rapidamente causando a sobrecarga dos sistemas nacionais de saúde e a falta de atendimento médico adequado aos casos graves.



lugar à parte no ambiente domiciliar se as casas muitas vezes só têm um cômodo? Em meio a estes questionamentos, jornalistas moradores de periferia têm se organizado para planejar formas de abastecer o seu público com informações apuradas, confiáveis e de pertinência para o seu universo cultural, ao mesmo tempo que cobram do poder público medidas direcionadas de proteção à vida nos contextos vulneráveis e mobilizam-se para realizar junto a organizações e movimentos locais o que o Estado não faz.

Tão importante quanto a produção de conhecimento jornalístico de qualidade neste caso, são as estratégias de comunicação adotadas para torná-la acessível ao público a quem se destina, sobretudo em um país marcado por desigualdades sociais e acirramentos ideológicos, como o Brasil, e em um contexto mundial de proliferação massiva de conteúdos fraudulentos (*fake news*). Intentando identificar esta preocupação pedagógica, neste artigo mapeamos e descrevemos de forma exploratória estratégias de comunicação realizadas por iniciativas brasileiras de jornalismo feito *sobre, para e a partir dos* territórios periféricos na cobertura da pandemia da Covid-19⁴. A escolha por analisar este objeto de estudo decorre do seu compromisso histórico com as camadas empobrecidas, na busca por preencher lacunas de informação pública onde as vulnerabilidades sociais são acentuadas pela pandemia. Foram selecionados para análise dois jornais cariocas, o Voz das Comunidades e o Favela em Pauta, bem como dois paulistas, a Agência Mural de Jornalismo das Periferias e o Periferia em Movimento. A escolha do objeto empírico teve como intuito centralizar iniciativas jornalísticas desenvolvidas na região Sudeste, que foi considerada o epicentro do início da pandemia da Covid-19 no Brasil.

2 Jornalismo feito *sobre, para e a partir dos* territórios periféricos e seu compromisso com a cidadania

Popular, alternativo, independente, cidadão, comunitário: são múltiplos os conceitos mobilizados para se referir ao jornalismo feito por jornalistas moradores de terri-

⁴ Em alguns lugares urbanos do Brasil, chama-se os contextos marcados pela desigualdade social de periferias, como em São Paulo. Em outros, de favelas e comunidades, como no Rio de Janeiro. Em razão da composição do objeto empírico deste estudo, ora se utilizará o termo periferia, ora favela ou comunidade. Por vezes neste estudo também é utilizado o termo “contexto empobrecido” para demarcar que a pobreza não é uma situação dada, mas construída historicamente e, como tal, é passível de ser transformada. Além disso, é preciso salientar que estes contextos são permeados por outras questões, além da pobreza. Tem sido inclusive tarefa do jornalismo feito para, sobre e a partir destes territórios contribuir para evidenciar a complexidade e vitalidade cultural, econômica, cidadã destas localidades, bem como desconstruir os estereótipos de carência e violência que as aprisionam.

tórios periféricos⁵. Continuam surgindo outros, como jornalismo de quebrada ou das periferias. Esta multiplicidade de nomenclaturas reflete a diversidade das práticas concretas a quem se dirige e a forma como estas se apresentam em cada contexto sócio-histórico. Ao refletir sobre questão similar, mas a partir do campo abrangente da Comunicação, Cicilia Peruzzo (2015) afirma que nenhum desses conceitos abarca a complexidade do fenômeno em sua totalidade. “Desse modo, o nome não diz tudo. O que mais importa é entender os processos por meio dos quais a comunicação de segmentos subalternos organizados da população se materializa” (PERUZZO, 2015, p. 13). Com isso em mente, demarcamos que as iniciativas jornalísticas com este perfil são ligadas às lutas por cidadania encampadas por setores populares organizados em contextos sócio-históricos marcados pela pobreza (mas não só por ela). Configura-se como um dos vetores da Comunicação Popular em seu processo por assegurar aos setores excluídos não só o direito de acesso à informação, mas também de produzi-la. Nas décadas de 1970 e 1980, foram múltiplas as iniciativas jornalísticas de base que se fundiram à imprensa alternativa para denunciar o agravamento da pauperização social, bem como as demais violências físicas e simbólicas acarretadas pelas ditaduras militares na América do Sul (FESTA, 1986). Simultaneamente, anunciavam a busca por outro modelo de sociedade, embasado em princípios democráticos e de justiça social.

Com o desfalecimento do socialismo real – o objetivo comum que unia as forças progressistas à época-, o Jornalismo feito por moradores de contextos empobrecidos e o Alternativo seguiram seus próprios caminhos, assumindo suas especificidades. Enquanto o segundo continuou a realizar uma cobertura mais geral, abordando os mesmos assuntos da grande imprensa, mas por uma ótica alternativa, o primeiro se propôs a complementá-la. Preenchendo as lacunas de informação acerca do território periférico pela ótica popular, essas iniciativas de jornalismo em vigor permanecem, contudo, a contribuir com uma perspectiva alternativa de mundo, ainda que não se confundam com toda a imprensa alternativa (PERUZZO, 2009).

Por esta razão, atribuem aos contextos empobrecidos outros sentidos sociais, para além dos estigmas da violência, criminalidade e carência, evidenciando a complexidade

⁵ O adjetivo popular mobilizado para qualificar este jornalismo vem da ideia de que ele feito pelo povo e para o povo. Não se confunde com o jornalismo corporativo voltado às classes populares.

econômica, cidadã, cultural que há dentro dessas localidades, bem como fortalecendo a autoestima comunitária necessária para a transformação social. Além disso, contribuem com o exercício da cidadania ao se constituir como espaço de visibilidade dos problemas sociais dos territórios periféricos a que os moradores recorrem para se inserir com mais força nas disputas políticas por condições de vida humana digna. Se em outros tempos enfocava suas pautas apenas pela ótica popular; na contemporaneidade, têm colaborado com as novas lutas por cidadania, que, além do acesso a direitos sociais, buscam combater o autoritarismo que hierarquiza as relações humanas sobretudo a partir de mais dois aspectos além das questões de classe: o gênero e a cor. Ao mesmo tempo, incitam o respeito à diversidade cultural e relações de sociabilidade mais empáticas, horizontais, democráticas; o que indica que este jornalismo se reinventa no *continuum* histórico em razão dos debates cidadãos em vigor, conforme o contexto espacial e temporal em que está inserido. Assim sendo, esse jornalismo continua desempenhando um papel pedagógico-emancipatório de orientação, conscientização e engajamento local catalisador da mobilização popular pela inclusão.

As possibilidades tecnológicas atuais colaboram ainda para que as demandas populares atinjam com mais potência as esferas políticas de poder, pois amplia o público atingido pelo raio de ação jornalística. É neste sentido que diversas iniciativas de jornalismo brasileiras vêm trabalhando no contexto de pandemia da Covid-19. Seja por meio de canais analógicos de comunicação ou pelo uso de estratégias digitais, a tarefa delas a nível panorâmico e cumulativo têm sido combater a desinformação compartilhada nos territórios periféricos e cobrar do poder públicos medidas de proteção direcionadas aos contextos vulneráveis. Nesta missão, tem atuado principalmente em três frentes:

- Na denúncia do descaso histórico do poder público brasileiro com os setores empobrecidos da população, ao evidenciarem a escassez de recursos básicos de combate social à proliferação da doença, como o acesso à água e ao esgotamento sanitário em muitas localidades;
- Na informação didaticamente construída que aponta saídas inventivas sobre como as pessoas podem se proteger com os recursos que possuem e exigir o acesso aos direitos sociais a serem garantidos pelos governos locais e federal;

- Na articulação junto aos conselhos comunitários e demais movimentos populares, apoiando-os em campanhas informativas de prevenção e de ações solidárias, a exemplo de doação de alimentos, máscaras caseiras, produtos de higiene, etc.

Em suma, o jornalismo feito por jornalistas moradores de territórios periféricos tem potencializado o seu papel de orientador social, ao ampliar a cobertura de uma crise de saúde pelo viés sócio-político. Desnuda a partir deste grande acontecimento as violências estruturais a que os setores excluídos da população brasileira são submetidos historicamente e constrange a sociedade a repensar o seu modelo de desenvolvimento. Em última instância, colabora com o fortalecimento da lógica solidária e cidadã que se multiplica neste momento e pela qual as favelas sempre se guiaram para sobreviver, estimulando, desta forma, mais do que a simples adaptação social ao *status quo*, mas as bases de sua mudança. A seguir centralizamos as estratégias de comunicabilidade adotadas pelo jornalismo digital e profissional feito por jornalistas moradores de periferias para o atendimento dos objetivos citados. Para tanto, constituem-se como objeto empírico desta análise os jornais cariocas Favela em Pauta e Voz das Comunidades, bem como os paulistas Periferia em Movimento e Agência Mural de Jornalismo das Periferias. Da análise será possível evidenciar a atuação de outras iniciativas jornalísticas que atuam em parceria com o objeto empírico selecionado para este trabalho.

3 Da práxis às novas estratégias de comunicação digital experimentadas na pandemia:

Referência no campo da Educação, especificamente, e das Ciências Humanas de maneira geral, o brasileiro Paulo Freire afirma que um processo pedagógico só se torna prática transformadora do mundo se se ancora na realidade concreta como ponto de partida e de retorno da reflexão crítica impulsionadora da ação consciente ([1968], 2010; [1997], 2004). Transpondo esse ensinamento para o universo do jornalismo, é possível igualmente compreender que uma mensagem só conquista status de pertinência popular e incita a transformação se se constitui como intervenção encharcada da realidade concreta a que faz referência. Por meio dos saberes corporificados em suas vivências de mundo, os jornalistas que cobrem os territórios periféricos onde também residem têm

desempenhado nesta pandemia uma práxis profissional que é tão denunciativa, quanto propositiva e inventiva.

Como especialistas de suas regiões, eles não só sabem do que falam, mas a partir disso também experimentam caminhos para alcançar o público a quem se destinam. Conhecem a complexidade, as dinâmicas e as regras que nutrem as relações nos territórios periféricos. Se há falta de água por exemplo em plena pandemia da Covid-19, não se contentam em denunciar a situação. Propõem igualmente saídas inventivas embasadas na velha cultura da solidariedade entre vizinhos. Desta forma, quem tem o recurso é estimulado a compartilhar com quem não tem, como pode ser visto no trecho a seguir em matéria *#Covid19NasFavelas: Solidariedade em tempos de pandemia*, produzida pela jornalista Milena Batista do Voz das Comunidades (2020). “Os moradores do Complexo do Alemão, Camarista Méier e da Chatuba, em Mesquita sofrem com a falta de água há mais de um mês. A *#Covid19nasFavelas* lançou a campanha nas redes: “Caso tenha água em casa, compartilhe com quem precisa”. Os vizinhos também são incitados a realizarem as compras dos idosos para que estes permaneçam protegidos em casa, já que fazem parte do grupo de risco. Uma onda de solidariedade e de corresponsabilidade para com o mundo e o outro é estimulada pela mediação social feita por este jornalismo.

Não só o conteúdo, mas o *como* comunicar tem sido elaborado a partir de uma práxis dialógica entre diversos jornalistas vinculados aos territórios periféricos no Brasil. Ainda em março, quando os primeiros casos da doença eram confirmados no país, mais de 80 iniciativas de jornalismo e comunicação com este perfil se articularam em um grande movimento nacional chamado *#CoronaNasPeriferias*. A iniciativa realizada de forma remota, no ambiente virtual, visou chamar a atenção do poder público para a necessidade de implementação de políticas sociais direcionadas aos contextos sociais vulneráveis na crise atual. Por meio de carta pública assinada pelas iniciativas jornalísticas e divulgada massivamente em seus sites e redes sociais no dia 19 de março de 2020, foram feitas considerações como a seguinte:

Vamos começar pelo básico: lavar as mãos! Esta tem sido uma recomendação amplamente divulgada. Como é possível que isso seja realmente feito a fim de evitar a contaminação se a quebrada e a favela estão sem água? O governo e várias organizações indicam o isolamento social como o principal meio de prevenção da doença. Isso não é permitido à nossa realidade (...). Fi-

car em casa, se isolar, não pode ser sinônimo de falta de renda. Se for assim, como garantir que a população periférica consiga comprar sequer um álcool em gel para ajudar na prevenção da contaminação? Se o governo vai ajudar os grandes empresários a não quebrar, vai ajudar ao favelado pagar suas contas também? Vai ajudar a senhora que vende guarda-chuva na esquina a não quebrar? (CORONA NAS PERIFERIAS, 2020)

A carta salientava ainda ser urgente o abastecimento de informações precisas, adequadas às realidades populares e acessíveis. “Precisamos saber informar nossas crianças, nossos jovens, nossos idosos, nossos pais, mães e familiares. De nós para os nossos!”. Desta forma, assim como em outros momentos históricos de risco aos setores empobrecidos, o jornalismo feito por esses moradores atua em rede e se configura como um dos principais instrumentos de luta da Comunicação Popular e de proteção à vida dessas populações. Para conseguir realizar estes objetivos, além de participarem de diversas *lives* com vistas à discussão e o compartilhamento de saberes sobre como atuar jornalisticamente no atual contexto, as iniciativas têm atuado em redes menores, na esfera de suas regiões. O intuito dessas parcerias é ampliar o raio de alcance das publicações para que mais pessoas tenham acesso à informação confiável e de pertinência ao universo periférico. O *#SalveCriadores* é uma destas redes criadas em São Paulo. Participam do movimento os coletivos de jornalismo Periferia em Movimento, Alma Preta, Nós, Mulheres da periferia e Rádio Cantareira. O objetivo, segundo os organizadores é:

trazer reflexões e dados sobre a crise do Covid-19 e seus reflexos nas populações indígenas, negras e periféricas. A proposta é reforçar o importante trabalho que vem sendo feito por criadores de conteúdo e trazer pontos de vista e perspectivas que ainda não foram levantados (SALVE CRIADORES, 2020).

Para combater a desinformação, o Periferia em Movimento juntamente com o Alma Preta e o Desenrola e Não me Enrola tem produzido também para os territórios periféricos paulistas o podcast *Pandemia sem Neurose*. A ideia é denunciar e desmentir os golpes que circulam pela internet, bem como ofertar orientações de autocuidado no atual cenário. Contudo, as parcerias que esses jornalistas articulam não se limitam ao universo comunicacional. O portal jornalístico carioca Favela em Pauta, por exemplo, tem se unido ao Instituto Marielle Franco para mapear iniciativas solidárias que vêm sendo desenvolvidas nos territórios periféricos de todo o país. O intuito é fortalecer a onda de solidariedade advinda sobretudo onde a ausência do Estado para a proteção da vida é constante. Além disso, a ação denominada *Mapa Corona nas Periferias* possibili-

ta que os moradores de territórios periféricos conheçam e procurem movimentos solidários que ocorrem nas proximidades onde residem.

O também portal de notícias carioca Voz das Comunidades se articulou ao coletivo Papo Reto e Mulheres em Ação para criar o Gabinete de Crise do Complexo do Alemão. Nesta atuação, a pandemia da Covid-19 é enfrentada sobretudo pelo viés da informação e das campanhas de doação. Sobre este último ponto, o jornal articulou a campanha de arrecadação de doações *Pandemia com Empatia* com o intuito de abastecer as favelas do Rio de Janeiro com água e produtos de higiene. Em relação ao primeiro ponto, o Voz criou o *Painel de Atualização do Coronavírus nas Favelas do Rio de Janeiro*. A iniciativa sistematiza em dados o número de pessoas infectadas e mortas pela doença nos contextos vulneráveis, a fim de gerar um conhecimento mais preciso sobre como a doença se desenvolve neles. O acesso a esta informação é fundamental porque as favelas não são consideradas bairros na mensuração feita pelos governos cariocas. Isso impede inclusive que medidas políticas direcionadas a esses contextos sejam cobradas, como a testagem em massa, por exemplo. Em suma, preenchendo esta lacuna de informação por meio do cruzamento de dados sobre os casos de Covid-19 disponibilizados pelos governos estadual e municipal do Rio de Janeiro, bem como das clínicas de saúde nas favelas, o Voz das Comunidades oferta um importante contributo social.

Disso observa-se que, por meio do estabelecimento de um contrato de comunicação “dos nossos para os nossos”, estas iniciativas reinventam a práxis profissional de forma tal que não se contentam a cobrar do poder público que realize o seu papel. Elas mesmas fazem o papel do Estado, quando este se faz ausente. Incitam a cultura da solidariedade e do compartilhamento quando orientam os moradores que possuem água a compartilharem com os vizinhos que não têm. Não só divulgam, mas também organizam iniciativas de mobilização para a arrecadação de doações na crise atual. Indicam os caminhos para os cidadãos exigirem seus direitos e criam campanhas em redes digitais para visibilizar as reivindicações contra a violação de direitos. O uso das mídias digitais é inclusive outro ponto a ser destacado na atuação jornalística destas iniciativas na pandemia da Covid-19.

Cientes da existência da exclusão digital, o jornalismo feito por jornalistas moradores de periferia tem se dirigido a seu público, não só por meio do site jornalístico

em que hospeda seus conteúdos, mas por meio de aplicativo de mensagens e redes sociais, como Instagram e Facebook⁶. A estratégia de comunicação parece eficiente quando se leva em consideração que, dentre os brasileiros que conseguem acessar a internet – cerca de 80% da população nacional-, 99% tem o celular como principal meio para buscar o serviço (IBGE, 2018). Tendo isso em vista, o *Voz das Comunidades* criou aplicativo homônimo durante a pandemia para se tornar mais acessível ao seu público. Já a *Agência Mural de Jornalismo das Periferias* tem combatido a desinformação em um dos principais canais por onde ela circula no Brasil, o aplicativo de mensagem WhatsApp. A estratégia utilizada para difundir o podcast diário *Em Quarentena* da Mural também parece eficiente, quando se considera que, entre os brasileiros conectados à internet, 95% utilizam o serviço preferencialmente para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagem (IBGE, 2018).

As redes sociais também têm sido espaço para divulgar as informações em formato mais acessível, com bastante ilustrações e em linguagem clara e objetiva. *Lives* nestas mídias com profissionais de saúde ligados às comunidades ou lideranças comunitárias dos movimentos sociais locais também têm sido constantes. Uma ação nova nas mídias sociais aconteceu por conta do movimento internacional de combate ao racismo, impulsionado pelo caso George Floyd nos Estados Unidos. Em razão da reverberação desse caso no Brasil, país em que o autoritarismo policial igualmente tem assassinado jovens negros e periféricos na pandemia, influenciadores digitais brasileiros têm ofertado seus espaços nas redes para que comunicadores de periferias visibilizem com mais potência o que está acontecendo nos contextos vulneráveis, a partir do olhar de dentro, de quem mora neles.

Nas redes sociais das iniciativas jornalísticas, vídeos ao vivo também têm sido publicados para denunciar o racismo e os protestos organizados contra ele por familiares e vizinhos enlutados nos territórios periféricos. Desta forma, tais iniciativas jornalísticas reafirmam o seu compromisso histórico de defesa da cidadania, da democracia e dos

⁶ Estas iniciativas jornalísticas encontraram na internet um espaço para divulgar os seus conteúdos a custos baixos, mas enfrentam dificuldades para torna-los acessíveis por meio desse canal devido à exclusão digital que ocorre no Brasil. Por isso vem apostando em estratégias de comunicação digitais mais acessíveis aos seus leitores, como pode ser verificado neste estudo.

Direitos Humanos. Realizam na *práxis* um jornalismo emancipatório, crítico e consciente do seu papel social como produtor de conhecimentos transformadores sobre o mundo.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo realizar um mapeamento exploratório das estratégias de comunicação realizada por quatro iniciativas de jornalismo sobre, para e a partir dos territórios periféricos na pandemia da Covid-19, desnudando a sua dimensão pedagógica. Os portais digitais cariocas Favela em Pauta e Voz das Comunidades, bem como os paulistas Periferia em Movimento e Agência Mural de Jornalismo das Periferias foram escolhidos como objeto de análise pelo papel jornalístico de destaque que vêm desempenhando e por se situarem na região brasileira tida como epicentro inicial da doença no Brasil.

Do estudo, foi evidenciado que o comprometimento com o público (com o qual esses jornalistas compartilham um mesmo local de morada e vivência) influencia na formulação de uma *práxis* profissional mais criativa e propositiva no atual cenário de crise. Novas estratégias de comunicação foram adotadas para viabilizar o acesso à informação de qualidade e de pertinência ao seu universo cultural. Uma grande articulação em rede nacional denominada *#CoronaNasPeriferias* impulsionou a organização destes jornalistas e a reflexão coletiva feita por meio de *lives* e encontros virtuais sobre como informar o seu público. Parcerias entre as iniciativas resultaram em outros movimentos, como o *#SalveCriadores* em São Paulo, e em produtos como o podcast também paulista *Pandemia sem Neurose*.

No Rio de Janeiro, as articulações não têm se restringindo ao universo comunicacional. O Favela em Pauta firmou parceria com o Instituto Marielle Franco para mapear iniciativas solidárias no Brasil a quem as populações periféricas podem conhecer e recorrer. Já o Voz das Comunidades juntamente com coletivos sociais locais do Complexo do Alemão criou um Gabinete de Crise. Entre as ações que o Voz desenvolve no atual cenário destaca-se um mapeamento do número de casos da Covid-19 e da letalidade da doença nas favelas cariocas. Para tornar seus conteúdos acessíveis no universo digital, foi evidenciado neste estudo que estas iniciativas vêm adentrando espaços digi-

tais que antes não eram utilizados para estes fins, como o WhatsApp, no caso do podcast *Em Quarentena* da Agência Mural. Desta forma percebe-se que a preocupação em combater a exclusão social brasileira não dão apenas o tom dos conteúdos, mas das formas que este jornalismo cria para garantir aos moradores de periferias o acesso ao direito à informação e à comunicação.

Referências:

CORONA NAS PERIFERIAS. Manifesto, 2020. Disponível em <https://salvecriadores.com.br/>. Acesso em 1 de agosto, às 10h.

FESTA, R. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, R.; SILVA, C. E. Comunicação Popular e Alternativa no Brasil. São Paulo, Edições Paulinas, 1986.

FIOCRUZ. **Boletim Socioepidemiológico da Covid-19 nas favelas:** análise da frequência, incidência, mortalidade e letalidade por Covid-19 em favelas cariocas, n. 1, 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_socioepidemiologicos_covid_nas_favelas_1.pdf > Acessado em 29 de julho de 2020, às 8h.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*. São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

FREIRE, P. ([1968], 2010). **Extensão ou Comunicação?** 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. ([1997], 2004). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PERUZZO, C. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

PERUZZO, C. Introdução. In: PERUZZO, C.; OTRE, M. A. *Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa no Brasil: sinais de resistência e de construção da cidadania*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, p. 13-17, 2015.

SALVE CRIADORES, 2020. Disponível em: <https://salvecriadores.com.br/>. Acesso em 1 de agosto de 2020, às 8h.

SILVA, T.; FRANÇA, V. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. In: *E-Compós*, Brasília, v. 20, n. 3, set./dez., 2017, p. 1-21. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/ecompos/article/view/1398/948> >. Acessado em 14 de julho de 2020, às 8h.



TEIXEIRA, K.; CARVALHO, K.; MEDEIROS, A.; BARBOSA, I. Indicadores de casos e óbitos por Covid-19 e sua relação com fatores contextuais: um estudo ecológico na cidade de Natal-RN. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n.6, p. 40689-40703, jun. 2020.

VIZEU, A. O telejornalismo e sua função pedagógica. Revista Famecos. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 40, p. 77-83, 2009.

VOZ DAS COMUNIDADES. Campanha arrecada doações para moradores de favelas no Rio de Janeiro, 2020. <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/campanha-arrecada-doacoes-para-moradores-de-favelas-do-rio/>. Acesso em 1 de agosto de 2020, às 11h.